# Os espetáculos ao vivo

 Débora Muller

Na obra “A Economia da Cultura” a economista e autora do mesmo, Françoise Benhamou, mostra que é possível olhar economicamente para manifestações culturais e artísticas, já que tais manifestações estão diretamente ligadas com aspectos econômicos. O segundo capitulo da obra de Françoise trata sobre as perspectivas que englobam o mundo dos espetáculos ao vivo.

Os espetáculos ao vivo contam com um público de maior poder capital quando comparado ao público de outros meios artísticos, isto acarreta uma demanda inferior, porém, este fator não compromete a existência do mesmo.

# A oferta de espetáculos ao vivo a mercê da subvenção pública

Existe uma maneira de calcular a produção de espetáculos ao vivo, através de uma função que relaciona vários pontos que formam o espetáculo. Com o aumento de espectadores, o valor do assento diminui, e vice-versa. O caso da Fundação Ford mostra um modelo da “fatalidade dos custos”. Em 1965, os teatros da Broadway estavam passando por situações delicadas. Devido ao aumento dos cachês, o número de performances teve que ser diminuído, causando o fechamento de alguns teatros. Dois economistas foram convocados para solucionar o problema. William J. Baumol e William G. Bowen criaram um modelo de crescimento desigual em dois setores, que é baseado em três hipóteses. Na primeira hipótese podemos dividir a economia em dois setores, o arcaico, que é definido pela impossibilidade de gerar ganhos de produtividade, pois sua produtividade é constante, e o setor progressista, que é o oposto do arcaico, já que são as inovações, de economias de escala e da acumulação de capital, que geram produtividade. Na segunda hipótese comparamos os custos de produção apenas aos custos salariais, e estes custos evoluem ao mesmo ritmo e no mesmo sentido que a produtividade do trabalho no setor moderno. No setor 1 o custo de trabalho por unidade de produto aumenta enquanto se mantém constante no setor 2. Na terceira hipótese quando os preços aumentam o público diminui e a demanda de espetáculos ao vivo pode tanto diminuir quanto aumentar.

# As estratégias das instituições

Pode-ser interpretar o déficit como uma maneira de administrar e não da atividade das empresas de espetáculos ao vivo. As instituições definem o valor maximo de subvenção que elas podem alcançar e assim trabalham sua produção em cima deste valor. Sendo assim, as rivais vão do depois para o antes, e as instituições culturais tentam conseguir subvenção com a formação de monopólios em partes muito pequenas e inovadoras. As responsabilidades de cobrir os déficits estruturais são passadas para o governo, mesmo que as políticas de discriminação através do preço permitam otimizar as receitas. A instituição consegue maximizar sua subvenção, já que os organismos de proteção deixam passar a função de custo da entidade que defendem.

# Os efeitos perversos da subvenção: o caso dos festivais

Os festivais vêm ganhando o mundo nos últimos anos, pois chamam muita atenção de estrangeiros e membros da mídia, promovendo assim o turismo. Mesmo causando este aspecto positivo, os festivais possuem algumas falhas que devem ser observadas. A remuneração é muito elevada, por isso, consequentemente, os custos são ampliados. Os valores pedidos pelos ingressos não possuem equilíbrio com a oferta e a procura. Estes distúrbios são por conta de uma lei que decreta que são os poderes públicos que devem lidar com o que esta faltando. Em Bayreuth, festival que ocorre na Alemanha, existe uma demanda por ingresso muito maior que a oferta pelos mesmos, a estimativa é que seja dez a vinte vezes maior.